

O USO DE MÁSCARAS COMO SUPORTE PARA A RELEITURA DA OBRA GUERRA E PAZ

The use of masks as support for the release of work war and peace

Josiane Lopes¹

Jádina de Farias Neves¹

Resumo: Ao longo dos tempos, a humanidade utilizou-se da Arte para deixar sua história registrada e também para se expressar sobre o que lhes era misterioso, que ia além do seu entendimento e que ao mesmo tempo fascinava e assombrava. Usada pelo homem desde o Paleolítico, as máscaras carregam consigo um fortíssimo poder místico, ocultando a verdadeira identidade de quem a usa, dando-lhe a oportunidade de se transformar, incorporando uma personalidade que não é realmente a sua, finalmente libertando-se da “máscara diária”. Em referência a essa característica dualística da máscara, este projeto propõe que a máscara seja usada como suporte para a releitura da obra “Guerra e Paz” de Cândido Portinari, levando os alunos a refletirem sobre as diversas máscaras que usamos no cotidiano e sobre as aflições e os prazeres da humanidade ao longo dos tempos, como as Guerras que são um tema tão antigo quanto atual, pois sempre há povos em conflitos. A paz é um sonho e uma esperança eterna, nunca nos cansamos de almejá-la. E no dia a dia dos nossos alunos? O que os aflige? O que os conforta? Quais os seus medos e esperanças? Considerando que as Artes Visuais devem levar o aluno a desenvolver seu pensamento artístico e sua percepção estética, desenvolvendo sua sensibilidade e imaginação, este projeto intitulado “O uso de máscara como suporte para a releitura da obra Guerra e Paz”, dentro da área de concentração de Ensino e Aprendizagem, desafia e proporciona aos alunos a oportunidade de expressarem seus sentimentos e percepções frente às realidades do seu cotidiano.

Palavras-chave: Máscaras. Suporte. Releitura.

Abstract: Throughout the ages mankind used Art to leave its recorded history and also to express itself about what was mysterious to them, that went beyond their understanding and at the same time fascinated and haunted. Used by man since the Paleolithic, the masks carry with them a very strong mystical power, hiding the true identity of the wearer, giving him the opportunity to transform himself, incorporating a personality that is not really his, finally freeing himself from the "mask daily". In reference to this dualistic characteristic of the mask, this project proposes that the mask be used as a support for the re-reading of the work "War and Peace" by Cândido Portinari, leading the students to reflect on the various masks we use in daily life and on the afflictions and the pleasures of mankind over time as the Wars that is as old as current theme, because there are always peoples in conflict. Peace is a dream and an eternal hope, we never tire of craving it. And in the day-to-day of our students? What afflicts them? What comforts them? Considering that the Visual Arts should lead the student to develop his artistic thinking and his aesthetic perception, developing his sensibility and imagination, this project entitled "The use of masks as a support for re-reading War and Peace" Within the area of concentration of Teaching and Learning, challenges and gives students the opportunity to express their feelings and perceptions in the realities of their daily lives.

Keywords: Masks. Supports. Relief.

Introdução

Através do Estágio III, tive a oportunidade de ter contato com situações da rotina escolar na área em que se pretende atuar. Esta experiência é de suma importância, pois oferece a oportunidade de aperfeiçoar o conhecimento e constatar as possíveis contradições entre teoria

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

e prática, através do contato com o campo de trabalho, da convivência com profissionais experientes e a interação com os alunos.

Este *paper* possui caráter descritivo quanto ao estágio de regência realizado na escola cedente Escola de Educação Básica Dom Joaquim, localizada no município de Braço do Norte.

A área de concentração do projeto foi: “O uso de máscara como suporte para a releitura da obra Guerra e Paz”, tendo como justificativa, levar os educandos a perceberem que arte não é apenas o que se vê em livros, galerias e museus, mas que a arte também é uma linguagem que pode ser usada para construir críticas, formar opiniões e está ligada a elementos que fazem parte do seu dia a dia, sem que percebam.

Utilizando a releitura como fazer artístico

Para que seja possível fazer uma releitura, deve-se primeiramente falar em leitura. Em uma sociedade que a todo instante é bombardeada por imagens, torna-se indispensável adquirir a capacidade de se ter um olhar atento à velocidade das informações e às múltiplas facetas que o mundo apresenta e representa, de modo a poder interpretá-las, sendo o papel do professor, o de conduzir, instigar esse olhar.

Ler uma imagem, segundo Analice Dutra Pillar, “[...] é compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la para aprendê-la enquanto objeto a conhecer” (PILLAR, 1993, p. 1). Sendo assim, ler não é encontrar a interpretação desejada pelo autor da imagem, mas, sim, formar uma interpretação própria, lembrando que nenhuma leitura será igual à outra, pois cada pessoa carrega consigo experiências próprias que fazem seu olhar e sua interpretação no momento serem únicos.

Após a leitura, é possível então fazer a releitura, tendo esta um novo olhar, uma atualização, uma transformação da primeira, pois “[...] a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro” (GOULEMOT, 1996, p. 116), essa releitura, imprime novas experiências, novos olhares e conceitos, dando à imagem um novo significado.

Foi a partir da década de 80 que a Proposta Triangular passou a ser inserida no ensino das artes pela pesquisadora e professora Ana Mae Barbosa. Esta proposta está apoiada em três eixos: a leitura de obras: através da apreciação e da análise de produções o aluno estabelece uma ligação entre o que ele conhece e o que está aprendendo; a reflexão sobre a arte, na qual o aluno contextualiza a pesquisa e passa a compreender seu significado; e a produção, na qual o fazer artístico permite que o aluno pratique e explore diversas formas de expressão, incluindo a releitura.

Esta proposta tornou-se popular entre os professores de Artes no Brasil, que a veem como uma fórmula mágica e muitos ainda a aplicam erroneamente ao apresentar uma obra aos alunos, contextualizar e após, entregando uma cópia da obra para que os alunos pintem igualmente, ou ainda, pedindo que copiem e que reproduzam a obra o mais fielmente possível. Isto não é releitura, é pura e simplesmente cópia. Inibe a criatividade do aluno e torna a aula de Arte corriqueira.

Nas aulas de Arte, a leitura e a releitura podem tornar-se atividades agradáveis e prazerosas e, para isso, o professor deve estimular o aluno a ler, interpretar as imagens que o cerca, a tornar-se um crítico sobre a sua realidade, e então a partir da observação, da análise e dos questionamentos, o aluno estará pronto para criar. A intenção aqui não é tornar o aluno um artista, mas aguçar sua sensibilidade, tornar possível a apreensão da aprendizagem de forma significativa, pois “o bom professor de Arte não é aquele que informa, conceitua e apresenta informações apenas, porém é aquele que ajuda o aluno a descobrir por si só o caminho, que estimula a curiosidade, tornando-o agente da sua própria aprendizagem” (SOUZA; PITOMBO, 2011, p. 6).

Assim, abre-se um extenso leque de oportunidades às novas ideias, às novas produções, tornando o fazer artístico algo prazeroso, desafiador, fazendo com que o aluno busque novos limites, tornando-se construtor do seu próprio conhecimento.

Um resumo da história das máscaras

As máscaras fazem parte da cultura de diversos povos desde a Pré-História, e carregam consigo um forte poder de ocultação e transformação. Estudos mostraram que sua difusão foi maior que o arado, a alavanca e o arpão, a partir de descobertas arqueológicas feitas a partir do século IX.

Para os povos primitivos, as máscaras tinham como função principal a ligação do homem com as forças da natureza, sendo usadas em um contexto ritualístico e sagrado, elas não expressavam as emoções que o homem sentia que temia, ela era a própria emoção, o próprio temor, como, por exemplo, as máscaras africanas, sempre carregadas de fortíssima expressividade, serviam como mediadoras entre o que era natural e o que era sobrenatural.

Ao longo da sua história a máscara foi adquirindo diversas funções: social e religiosa: usada em rituais com caráter disciplinador principalmente para mulheres, crianças ou criminosos; também por juízes com a função de evitar retaliações pelo julgamento e atribuíam a sentença aos espíritos do passado; por tribos de tradição oral, mantendo assim a ligação com o passado; por grupos exclusivos em rituais de iniciação e em rituais de curas, por sacerdotes, chamas e curandeiros. Com relação ao uso funerário, neste caso, o material da máscara vai depender da importância do personagem, indo desde a simples cortiça até as de ouro com pedras preciosas. Serviam para dar refúgio à alma dos mortos, protegê-las dos espíritos malignos e perversos durante a marcha para o além (BAZZO, 2010). Quanto ao uso terapêutico: em algumas culturas, alguns membros usavam máscaras em rituais, com o intuito de guiar os demônios para fora da aldeia, podendo, assim, evitar ou curar doenças.

A máscara no teatro

A Grécia é o berço do teatro e, portanto, foi onde as máscaras passaram a ser usadas para fins artísticos, deixando para trás seu uso primitivo, adentrando no universo da cultura.

As primeiras máscaras do teatro eram feitas de diversos materiais como a cortiça, o barro, a madeira e cobriam todo o rosto do ator e parte da cabeça, tendo abertura apenas para os olhos e a boca. Características como a idade e o sexo do personagem eram complementadas com a adição de cabeleira e barba. Havia cerca de 25 tipos de máscaras trágicas e mais de 40 para o gênero cômico, que revelavam através das suas características, as diferenças de classe, raça e condição social.

A rigidez das máscaras imposta ao rosto tornava-se um inconveniente quando o momento exigia que algum sentimento fosse transmitido, então para resolver esta situação as máscaras eram substituídas durante a encenação. Em compensação a esse fato, um mesmo ator poderia desempenhar os mais variados personagens em uma única apresentação, inclusive os femininos, uma vez que as mulheres eram proibidas de atuar.

Conhecida como símbolo do teatro por representar seus dois gêneros, a tragédia e a comédia. Sobre a máscara:

No Oriente e nos rituais primitivos, a máscara, por si mesma, tem uma significação, tem vida própria, e quando usada no palco ou numa cerimônia, a sua vivência é imediata. Já no Ocidente, um ator, para usá-la dramaticamente, precisa passar antes por

um aprendizado, pois se ela não for bem manipulada, se o ator não souber animá-la devidamente, a máscara pode, num primeiro instante, causar grande impacto, mas só no primeiro instante, porque logo esse impacto se perde. Ela se torna um objeto morto. Enquanto simples adorno, a máscara não comunica nada, torna-se estranhamente patética (MARAT, 2011, s.p.).

No período da Renascença, através da Commedia dell'Arte, surge a

[...] meia máscara, talvez a mais famosa de todas as outras máscaras. A meia máscara, como ficou conhecida, permite ao ator ter uma boa articulação vocal, ao contrário da máscara inteira do teatro Geco-Romano, que de certa forma atrapalhava essa articulação, prejuízo este que era sanado com a maravilhosa acústica dos teatros daquela época. Como os comediantes dell'Arte não gozavam desse recurso, pois se apresentavam nas praças, eles adaptaram a máscara, cortando-a um pouco abaixo do nariz, deixando assim a boca totalmente livre (DEA, 2009, s.p.).

Com o surgimento do cristianismo, as máscaras passaram a ser consideradas objetos pagãos e seu uso foi proibido. Por fim, elas desembarcaram com os europeus na América, como brinquedos infantis e adornos para bailes e festas. Atualmente, é costume usá-las em festas como o Carnaval, Dia das Bruxas e em algumas profissões como medicina, em laboratórios ou ainda em esportes como a esgrima.

Candido Portinari e sua obra Guerra e Paz

Os painéis de “Guerra e Paz” foram pintados por um dos artistas plásticos brasileiros mais importantes. Nascido em 1903, em uma cidadezinha do interior de São Paulo e filho de imigrantes italianos, o artista criou em torno de cinco mil pinturas.

Sempre envolvido no cenário cultural e político do país, o artista foi convidado a pintar os painéis pelo então presidente Juscelino Kubitschek, estes seriam um presente do Brasil à sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York.

Com problemas de saúde, Candido Portinari havia sido proibido pelos médicos de pintar, ainda assim, ele aceita o convite. Durante quatro anos, Portinari fez cerca de 180 esboços e estudos sobre os painéis Guerra e Paz, sua execução, porém, levou apenas nove meses.

No painel Guerra, foram utilizadas cores em tons de azul e laranja. Ao invés de armas e soldados em combate, aparecem os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, e o sofrimento do povo, retratado principalmente por mães que seguram em seus braços, seus filhos mortos. Há também hienas, que fazem referência ao homem que faz a guerra. O sofrimento é visível e tocante por toda a cena.

No painel Paz, o artista retratou entre alegres tons de amarelo, tranquilos e solares, crianças brincando, animais, noiva, camponeses e corais. Todos os figurantes de a Paz são os meninos de Brodowski (cidade onde o pintor viveu quando criança), nas gangorras como aparecem em várias de suas telas, outras em cambalhotas e piruetas, pulando carniça, ou armando arapuca, moças que dançam e cantam, um coral de meninos de todas as raças, assim como os brasileiros.

Contudo, apesar dos seus esforços e dedicação, por ter realizado a obra mesmo com seus problemas de saúde, Portinari não pode ir à Nova York para a entrega dos painéis à ONU, pois devido a sua ligação com o partido comunista, seu visto foi negado.

No Brasil, os painéis foram expostos uma vez em 1956, antes de embarcarem para Nova York, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, retornando apenas cinquenta e quatro anos após,

quando a ONU passou por uma reforma geral e permitiu que os quadros retornassem para que fosse realizada uma restauração devido aos desgastes do tempo. Novamente, os painéis foram expostos ao público brasileiro, que superou em mais de quarenta mil o número de visitantes em apenas doze dias.

Vivência do estágio

A Escola de Educação Básica Dom Joaquim encontra-se edificada no centro de Braço do Norte, sendo o maior colégio deste município. Possui 1.270 alunos e um corpo técnico de aproximadamente 80 funcionários entre efetivos, ACTs, servidores, auxiliares etc.

Os turnos de funcionamento e seus respectivos horários dividem-se em: matutino: 7h-45min às 11h45, atendendo a turmas do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano; vespertino: 13h10 às 17h10, atendendo a turmas do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e Ensino Médio do 1º ao 3º ano; noturno: 19h às 22h, atendendo a turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano e Magistério.

A escola possui boa estrutura, limpeza adequada, e conta com acessos para deficientes, instalações com secretaria, almoxarifado, biblioteca, cozinhas, banheiros comuns e adaptados, dispensa, diretoria, elevador, ginásio de esportes, quadra de esportes coberta e descoberta, refeitório, 21 salas de aula, laboratórios de ciências, física, química e informática, sala de professores, sala de reunião do inovador, sala de recursos multifuncionais, sala de vídeo, sala de arte, vestiários etc.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola alicerça-se na Proposta Curricular de Santa Catarina e segue como referencial teórico a concepção histórico-cultural, sociointeracionista que abraça a fama “social” de ver a educação, a qual é compromisso de todos, tanto do cidadão como da escola e da sociedade. A educação (enquanto vista como um processo) deve ser construída coletivamente.

Para a EEB Dom Joaquim, a escola tem função de formar cidadãos críticos, autônomos e criativos frente a situações individuais e coletivas presentes no cotidiano, através do desenvolvimento integral das potencialidades humanas. Assim, precisa se empenhar na construção de uma prática pedagógica que priorize o ensino do conhecimento científico aliado à compreensão histórica do contexto que o produziu. A prática pedagógica deve estar apoiada nos princípios da interdisciplinaridade e da transversalidade, levando em conta a história de vida do aluno e de sua família, que pode adquirir um caráter universal se for compreendida a carga histórica cultural que determina essa história individual.

Quanto à avaliação, a escola adequa-se às propostas do MEC. A LDB nº 9394/96, em seu artigo 25, inciso V, alínea A, enfoca que a avaliação deve ser “contínua e cumulativa...” e cita a Lei Complementar nº 170/96, no seu artigo 26, parágrafo IV “a avaliação do rendimento escolar do educando, resultado de reflexão sobre todos os componentes do processo ensino-aprendizagem, como forma de superar dificuldades, retomando, reavaliando, reorganizando e reeducando os sujeitos nele envolvidos”, assim, a avaliação, sendo um meio e não um fim, está contribuindo com a formação de um homem que reavalia também sua vida, suas ações, suas funções, com isso, crescendo e resolvendo suas dificuldades (BRASIL, 1996). A avaliação é um processo constante, global, podendo ainda ter caráter diagnóstico ao transformar-se na busca incessante da compreensão das dificuldades dos educandos, dinamizando novas construções de conhecimento, tornando-os participativos, cômicos e potencialmente inseridos no contexto social.

A recuperação, quando necessária, é paralela através de revisão de conceitos, das propostas, dos objetivos, da aplicação de novas avaliações, trabalhos e atividades extraclasse e exercícios de aprendizagem.

O atendimento aos pais é feito a partir de horários marcados conforme a hora/atividade do professor, ou na entrega de boletins.

A escola possui projetos, pedagógicos que são elencados no início do ano com todos os profissionais da escola, geralmente são quatro grandes projetos envolvendo todos os alunos e outros menores, por turmas, área de estudo ou disciplina.

A professora titular da turma, Maria Cristina da Silva e Silva, atua há 23 anos na educação, sendo que nesta escola atua há 6 anos. Possui como formação acadêmica, Licenciatura Plena em Educação Artística e Pós-Graduação em Metodologias Alternativas no Ensino da Arte, buscando atualização profissional sempre que possível. Alicerça sua prática pedagógica na tendência sociointeracionista e como recursos utiliza-se da leitura, discussão, seminários, aulas práticas com diversas técnicas, dramatização, leitura de imagem e exposição de trabalhos práticos. A avaliação empregada segue em conformidade com o PPP, sendo feita quinzenalmente.

Seu planejamento é feito anualmente, com conteúdos gerais e semanalmente para especificar as práticas realizadas. Considera que há relação entre o que é planejado e a prática. Em sala de aula, divide o tempo, sendo no início da aula mais ou menos cinco minutos para motivação, dez minutos para explanação do conteúdo seguindo o livro didático e o restante da aula (30 minutos) para exercer atividades práticas. Para motivar os alunos, procura tornar os assuntos atrativos, trazendo-os para a realidade dos alunos e utilizando-se de técnicas que despertem a curiosidade e os motivem a produzir. Para lidar com as limitações de materiais, procura usar materiais alternativos e o uso de técnicas de expressão cênica no pátio da escola. Considera seu relacionamento com os alunos bom e agradável, pelo fato de a própria disciplina proporcionar o interesse deles pelas aulas.

Iniciei a observação deste estágio bem no início das aulas, e no primeiro encontro com as turmas, a professora Cristina utilizou como dinâmica para todos se conhecerem melhor, o conto “A árvore de Sapatos” de Mia Couto, e como atividade, propôs que cada um pensasse no que gostaria de fazer no futuro, e que tipo de sapatos seria o ideal para usarem na ocasião. A maioria desenhou o calçado referente às futuras profissões, outros desenharam também tênis, que segundo eles, é o ideal de ser usado por ser confortável na caminhada pela luta dos objetivos. Um único aluno desenhou apenas os pés, pois segundo ele, não importava o calçado que usaria quem o levaria seriam seus pés.

A escola utiliza um livro didático, que acompanha os alunos por todo o ensino médio, sendo capítulos 1 e 2 para o 1º ano, capítulos 3 e 4 para o 2º ano e, por fim, capítulos 5 e 6 para o 3º ano. Após as socializações da dinâmica, os livros foram distribuídos e a professora explicou como ele seria utilizado durante os anos seguintes. A primeira unidade trata sobre o Sentido das Coisas e quais as linguagens da arte, sendo que a atividade foi o aluno escolher uma imagem, desenho, frase, poema ou trecho de música que representasse a arte em suas linguagens.

As aulas seguintes foram sobre a Pop Art, na qual os alunos conheceram o movimento e o artista Andy Warhol. A atividade proposta foi produzir um trabalho com as características pop, utilizando logotipos de marcas ou de imagens das mídias sociais a que cada um está familiarizado.

Aproveitando a comoção em que está mergulhado o país, com os escândalos políticos, a professora Cristina partiu para uma unidade do livro que trata da Arte e História – ideia e opinião. Essa unidade traz como exemplo o artista Cildo Meireles, artista plástico que durante a ditadura militar, teve a coragem e audácia de fazer críticas ao regime da época, através da sua arte, intitulada Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Cédula, intervenção na qual o artista carimbou a frase: “Quem matou Herzog?” em cédulas de dinheiro. Vladimir Herzog foi um jornalista morto durante a ditadura em 1975, em uma prisão de São Paulo, por lutar a favor da democracia. Levantando o questionamento sobre o que tem incomodado a nossa sociedade

nos dias de hoje, a professora orientou a criação de uma intervenção da turma sobre o assunto, usando a política e a corrupção como tema principal, utilizando para isto, materiais reciclados e imagens relacionadas. A ideia é de realizar uma exposição no pátio, e observar e registrar a reação dos alunos ao se depararem com a intervenção da turma. Para cada turma foi combinado uma intervenção diferente das outras, sendo que seria mantido segredo sobre o que iriam fazer, sendo revelado apenas quando fossem expostas no pátio. Houve ideias de como representar o país em papel *kraft* coberto de lixo, escorrendo para uma grande lata de lixo e outras como cobrir caixas de papelão com imagens de reportagens sobre corrupção, para a montagem de uma instalação. Nesse período em que acompanhei as aulas, também houve atividades referentes ao grafismo indígena, e conscientização do meio ambiente, com a criação de formas orgânicas, utilizando materiais reciclados.

Para as minhas regências, a professora deu liberdade para a escolha do tema, desde que fosse algo que os retirasse da rotina e que fosse inovador. Após muita pesquisa, e de algumas experiências pessoais, decidi por utilizar máscaras como suporte para releitura ao invés de folhas sulfite ou cartazes, pensando na dualidade entre a tragédia e a comédia que a máscara possui no teatro. Em minhas pesquisas, percebi que o único artista que encontrei que fez uma obra que possuía em si uma dualidade foi Cândido Portinari, com seus painéis “Guerra e Paz”. Como o assunto é tão antigo quanto atual, decidi então, pelo tema, e como produção artística, optei por máscaras feitas com atadura gessada moldada no rosto dos alunos. Para exercer a regência, escolhi a turma do 1º ano 1, que faz parte do Ensino Inovador, e como eles possuem aulas extras de teatro, cultura e dança, possuem apenas uma aula de Arte por semana, ao invés de duas aulas, como o restante das turmas da escola.

No primeiro encontro, com o auxílio do datashow, iniciei contando resumidamente a história das máscaras ao longo da história, seus significados e utilidades básicos para as culturas diversas e no teatro, dando ênfase a sua dualidade. Fiz um questionamento para levantar debate: “Quantas máscaras costumamos usar ao longo dos nossos dias?”. A seguir, falei sobre o que vem a ser dualidade, mostrando imagens como exemplo, e levantando a seguinte questão: “Qual a maior dualidade da humanidade?”, e para ilustrar essa questão, coloquei na tela a imagem da palavra paz formada por palavras “guerra”. A paz é almejada por todos, mas em alguma parte há sempre um povo em guerra. Após uma rápida biografia de Cândido Portinari, apresentei aos alunos as obras Guerra e Paz, dando liberdade para que fizessem uma leitura pessoal e falassem sobre suas impressões sobre a obra. A seguir, detalhei a obra, dando destaque às Pietas, que são representantes do sofrimento máximo das guerras, o sofrimento das mães que perdem seus filhos. Para o painel “Paz”, destaquei as brincadeiras das crianças. No final da apresentação, passei um vídeo, mostrando como uma máscara de atadura gessada no rosto, e houve uma empolgação por parte dos alunos em geral. Os dois encontros seguintes foram utilizados para a produção das máscaras, em duplas, os alunos revezaram-se para a produção, alguns, porém tiveram receio de fazer e preferiram utilizar balões como molde. Os encontros restantes foram destinados à pintura das máscaras.

A proposta era de que eles representassem por meio de cores, pintura, colagem, palavras ou até mesmo frases, o que representaria a guerra e a paz para eles, dividindo a máscara ao meio, e representando uma releitura de cada lado. Mais uma vez percebi que os alunos possuem certa dificuldade para “criarem” algo, ao invés de copiar. A todo instante eles pediam que eu falasse o que eles deveriam desenhar, e foi aos poucos que o trabalho fluiu. Alguns impacientes, apenas usaram a cor para expressar, utilizando-se de pouco ou nenhum detalhe específico. Em minhas outras regências, levei um trabalho de minha autoria, para que os alunos tivessem uma ideia do produto final, mas a maioria procurava fazer algo parecido com o meu, e alguns até iguais. Dessa vez, preferi não levar nada, apesar de ter feito, para testar o grau de dificuldade e quais

tintas seriam melhores para usar, se a colagem funcionaria no gesso, enfim, em minha opinião o professor deve ‘sentir na pele’ como é fazer a proposta que ele pede, dessa maneira, passa a ser capaz de conduzir melhor o aluno durante as atividades. Na última aula, levei a máscara que havia feito, e ainda assim, um aluno usou um dos meus elementos para terminar a sua atividade.

Em uma conversa posterior, eles comentaram que sentem dificuldade em produzir, porque não sabem desenhar, não possuem uma base de conhecimento sobre formas, desenho, cores, perspectiva e acabam por sentirem-se perdidos na hora de criarem. Nos anos anteriores, sentiram falta também de uma continuidade no ensino da arte, em um ano um professor dá um desenho sobre cores primárias, utilizando apenas a folha e o lápis de cor; em outro, outro professor também dá um desenho sobre cores primárias; mas, no final, nenhum deles aprofunda o assunto. Uma das alunas questionou-me: “Eu nem sei direito quais são as cores primárias, sei menos ainda por que elas são primárias”. Vejo aí uma carência de ensino, professores que deixam a desejar, que simplesmente dizem que eles devem fazer algo, mas que não explicam os porquês. Ao explicar sobre a história das máscaras e falar sobre a biografia do artista: o porquê ele criou os painéis, o contexto histórico, como foi criado, os anos de estudo e os meses de produção, a importância histórica da obra, a importância do tema, acredito que os tenha feito adentrar um pouco mais afundo do que estão habituados. Dessa forma, isto fez com que ao serem retirados da zona de conforto, eles sentiram-se à vontade para se abrir e questionarem o modo como são ensinados no geral.

Encerrei minhas regências com o sentimento de dever cumprido. De ter feito por alguns dias a diferença no cotidiano escolar dos alunos, dando-lhes algo para lembrarem-se de ter realizado, deixando assim, um pouco de mim, para cada um, e levando um pouco de cada um comigo, por que ser professor não é apenas ensinar, é construir o conhecimento junto, e, para isso, é preciso saber doar e receber.

Considerações finais

Neste último estágio, procurei fazer algo que fosse inovador. Desde meu primeiro estágio tenho defendido a releitura como produção artística para que, desta forma, o aluno possa assimilar que o movimento estudado, o artista e as obras produzidas são importantes como parte da História da Arte, que para ele é importante ter este conhecimento. Além disso, por meio do “fazer” do aluno, a partir do instante em que ele também se torna criador, que produz suas próprias “obras”, é que ocorre a absorção da aprendizagem, e ele passa a levá-la consigo a todo lugar.

Desta vez, procurei dar sentido também ao suporte utilizado para a releitura, para que a obra com todo o trabalho, feito pelos alunos, integrassem-se, dando um maior sentido as suas produções. Não foi somente uma releitura da obra, eles também produziram o suporte que iriam trabalhar, isto fez com que eles pensassem mais no que iriam fazer, pois já haviam passado pelo processo da produção das máscaras. Geralmente, quando usamos folhas para a produção, eles produzem com certo desinteresse, pois se errar, ou não gostarem da primeira coisa que fizeram, é “só jogar fora”, o que acaba gerando certo desinteresse pela própria produção. Assim, eles tiveram que valorizar a primeira etapa do seu trabalho para poderem realizar a segunda.

Levando em conta a dificuldade dos alunos em fazer algo novo, e o pouco tempo trabalhado, pois estas poderiam ter mais encontros, se fosse possível, encerrei minhas regências com o sentimento de dever cumprido. De ter feito por alguns dias a diferença no cotidiano escolar dos alunos dando-lhes algo para lembrarem-se de ter realizado, deixando assim, um pouco de mim, para cada um, e levando um pouco de cada um comigo, por que ser professor não é apenas ensinar, é construir o conhecimento junto, e para isso, é preciso saber doar e receber.

Referências

BAZZO, Ezio Flavio. **Máscaras: esse objeto de mil e um significados**. Máscaras & Disfarces, 2010. Disponível em: <<http://mascarasedisfarces.blogspot.com.br/2010/07/mascara-esse-objeto-de-mil-e-um.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DEA. **História resumida das máscaras**. 2011. Disponível em: <<http://deanomundo.blogspot.com.br/2011/03/historia-resumida-das-mascaras.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

ESCOBAR, Ticio. **As máscaras**. Disponível em: <https://evisual5.files.wordpress.com/2009/02/as_mascaras_historia_tipologia.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GAYDECZKA, Beatriz. **A importância da leitura de imagens no ensino**. v. 29 n. 3. Belo Horizonte, 2013. Resenha - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000300015>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GENTILE, Paola. Um mundo de imagens para ler. **Revista Nova Escola**, 2003. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/mundo-imagens-ler-426380.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHATIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MARAT, Marcelo. **As máscaras no teatro**. Ecos do nada, 2011. Disponível em: <<http://ecosdonada.blogspot.com.br/2011/05/as-mascaras-no-teatro.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016

MURIAMA, Clélia Cortez; SARMENTO, Rosely Petri. **Recriar dá mais sentido**. Instituto Avisala Formação Continuada de Educadores. Sumaré - São Paulo, 2010. Disponível em: <http://avisala.org.br/index.php/conteudo-por-edicoes/revista-avisala-42/recriar-da-mais-sentido/> Acesso em: 3 abr. 2016.

MYRRHA, Vânia. **O que é releitura?** Cores & Matizes, 2009. Disponível em: <<https://coresematizes.wordpress.com/2009/07/16/o-que-e-releitura/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

PILLAR, Analice Dutra. **Leitura da imagem**. Porto Alegre, Projeto Cultural Arte Na Escola. Banco de Textos nº 007, 1993.

PORTAL APRENDE BRASIL. **O que é releitura?** Atividades colaborativas. Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br/AtividadesColaborativas/sobreMostrasReleituras.asp>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

RANGEL, Valeska Bernardo. Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. **Nupeart Revista**, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/2534-59441-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

REIS, Bia. Recriar dá mais sentido à arte. **Revista Nova Escola**, 2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/recriar-mais-sentido-arte-424882.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2016.

ROSSI, Maria Helena Wagner; DEMOLINER, Isadora. **Leitura e releitura**: estabelecendo relações. Instituto Arte na Escola. 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69314>. Acesso em: 26 mar. 2016.

SANTANA, Ana Lucia. **História das máscaras**. InfoEscola. [s.d.]. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SOUZA, Elson Santos de; PITOMBO, Carla Grazielle Batalha. **A releitura de composições bidimensionais no processo de aprendizagem**. 2011. Disponível em: <mídia.unit.br/enfope/2013/gt7/A_RELEITURA_DE_COMPOSIÇÕES_BIDIMENSIONAIS_NO_PROCESSO_DE_APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2016.

TORRES, Maria de Rita Lima. **A importância da leitura de imagens para o ensino e aprendizagem em artes visuais**. Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais. Habilitação em Licenciatura. Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4458/1/2011_MariaRitadeLimaTorres.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.